

RESENHA

Rio científico – inovação e memória

Coordenador: Antonio Augusto Passos Videira

Editora: Eduerj/Faperj

217 páginas

Ano de lançamento: 2010



Sob muitos aspectos, o Rio de Janeiro é uma cidade curiosa. Talvez isso se dê com muitas outras cidades espalhadas pelo mundo. O que me faz afirmar que o caso do Rio é curioso é a sua marca registrada, conhecida mundialmente: uma cidade bela devido à sua natureza. A poetisa americana Elizabeth Bishop, uma das responsáveis pela existência do Aterro do Flamengo, considerava o Rio uma cidade com uma arquitetura feia cercada por uma paisagem bonita. Estou entre aqueles (serão muitos?) que lhe dão alguma razão. No entanto, e apesar das muitas ações negativas oriundas de decisões políticas equivocadas, não há como negar que o Rio é mais do que a sua paisagem. A história ‘desse algo mais’ é o tema central do livro *Rio científico – memória e inovação*.

A ideia desse livro é muito anterior à sua publicação, ocorrida em 2010. Tudo começou em 1998, se eu não me engano, quando Cássio Leite Vieira, hoje editor internacional da revista *Ciência Hoje*, após uma temporada de alguns meses em Londres, retornou para essas praias com a ideia de que se fizesse um pequeno mapa com a indicação dos locais mais importantes para a ciência e para a tecnologia localizados na cidade do Rio de Janeiro. Ele propunha que o mapa fosse pequeno e que fosse útil para os turistas, estrangeiros ou não, que visitassem a nossa cidade. Cássio levou a sua ideia à FAPERJ, que, apesar de se mostrar favorável, acabou por modificá-la a ponto de, ao invés de um mapa, o resultado final ter sido uma pequena revista com os endereços das mais importantes instituições científicas cariocas e fluminenses – por razões políticas, não se podia deixar de lado a nossa cidade irmã: Niterói. Mesmo que se reconheça a utilidade dessa publicação, não se pode negar que ela era completamente diferente da proposta original. Esta ficou como que em germe para outra ocasião mais propícia. A rigor, o livro que agora é aqui resenhado não pode ser entendido como o mapa que Cássio sugeriu. Talvez o seu espírito seja o mesmo: apresentar como a ciência e a tecnologia são presentes na mui gloriosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O mapa ainda está por ser produzido.

Ao se retomar o objetivo de ligar o Rio à ciência e à tecnologia, agora em um projeto a ser organizado e capitaneado pela Editora da UERJ, na gestão do seu atual diretor, o professor Ítalo Moriconi, surgiu a ideia de que esta ligação fosse concretizada em um livro. Mas não um livro qualquer. Se o rigor acadêmico era um dos critérios que deveria ser estritamente obedecido, ele não seria suficiente. Era preciso também que o livro fosse ricamente ilustrado e que a sua leitura fosse agradável, além de instrutiva. Desta vez, creio que o resultado final alcançou plenamente os propósitos definidos ao longo do seu processo de criação.

Penso que a pergunta central que as 217 páginas dessa obra procura responder pode ser formulada nos seguintes termos: de que modo a identidade da cidade foi configurada pela ciência e pela tecnologia? Como é afirmado em um dos textos de apresentação do livro, o Rio é muito mais do que a soma das suas muitas belezas naturais. Aliás, algumas delas, sendo suficiente mencionar os exemplos do Corcovado e Pão de Açúcar para corroborar o que afirmo, somente foram integradas à vida da cidade após a intervenção humana com trezinho e com o bondinho.

Ao mesmo tempo em que se propunha mostrar de que modo a ciência e a tecnologia se fazem presentes cotidianamente na vida de todos aqueles que moram ou visitam a Cidade Maravilhosa, este livro tem ainda um segundo objetivo que pode ser considerado como (relativamente) ousado, a saber: contar a história da cidade através das instituições dedicadas à criação da ciência, à transmissão de conhecimento e à produção de tecnologia. Dito com outras palavras, os autores deste livro acreditam que a identidade do Rio não pode ser determinada apenas através da música, do carnaval, do espírito alegre e acolhedor do carioca ou das suas praias. Mesmo a sua antiga condição de capital política do Brasil ao longo de praticamente dois séculos não esgota o Rio; ele é muito mais do que isso.

Contudo, como alcançar satisfatoriamente esses dois objetivos? Desde o início dos trabalhos, ficou claro que seria fundamental contar com uma equipe de especialistas em diferentes domínios do conhecimento, mas com uma condição a ser respeitada: todos eles deveriam ter a capacidade de tratar das suas áreas em uma perspectiva histórica. Mesmo chegando aos dias de hoje, o que torna um livro atual, a história tem indiscutivelmente um peso relevante na seleção e na organização dos temas aqui descritos e discutidos.

A equipe foi constituída em duas etapas. Na primeira etapa, organizou-se um núcleo

duro, responsável pela configuração dos eixos centrais dos temas que deveriam constar do conteúdo do livro. Esse núcleo duro, composto por cinco historiadores da ciência (astronomia, história natural, estatística, arquitetura e medicina), foi complementado por mais 14 profissionais, oriundos de diferentes instituições de ensino e pesquisa do nosso estado.

Outra característica importante do livro foi que a redação dos textos obedeceu, desde o seu início, a regras editoriais, pensadas para padronizá-los. O responsável pela formulação dessas regras foi Cássio, que foi sondado para ser o redator do final do conteúdo do livro, outra novidade que merece ser registrada. Os capítulos não seriam assinados pelos seus autores. Por razões profissionais, Cássio não pôde aceitar a incumbência de redigir o texto final. O nome escolhido, também seguindo uma sugestão sua, foi o de Bernardo Esteves. Escolha acertada. Muito da qualidade do livro deve-se à sua competência. Finalmente, é preciso mencionar que Bernardo teve liberdade para mudar os textos, não apenas no que diz respeito à prática jornalística usual, mas ele reorganizou o texto de maneira radical. O livro não é a mera soma dos capítulos que lhe foram entregues. Ele organizou o texto de modo a obter uma unidade, muitas vezes insuspeitada pelos próprios autores dos capítulos individuais.

O projeto editorial também foi realizado em duas etapas. No primeiro momento, uma professora da ESDI, Sílvia Steinberg, atuou com um grupo de alunos da mesma escola, de modo a alcançar uma integração entre textos e imagens. Depois da sua saída, a produção final ficou sob a responsabilidade de Evelin Grumach e sua equipe. A complexidade do livro exigiu, para além dessa multidão de profissionais de diversas áreas, que a pesquisa e aquisição de imagens também ficassem nas mãos de profissionais. A escolha desses últimos recaiu nos nomes de Ileana Pradilla e Carla Siqueira.

Se usei alguns parágrafos para descrever as regras que dirigiram as equipes que trabalharam no livro, isso se deve ao fato de que, desde o início, éramos todos conscientes da sua complexidade.

* * *

Rio científico – memória e inovação é composto por 11 capítulos, assim intitulados: A cidade e seus mapas; Natureza desvelada; Vida urbana; Feições modernas; Símbolos do Rio; Uma cidade, dois observatórios; A “ciência da certeza”; O Rio vai à escola; Hospitais de ontem e de hoje; Das boticas à indústria; e Cidade Industrial. Nesses capítulos, são abordados, entre outros, os seguintes campos do conhecimento científico: medicina, engenharia, botânica, astronomia, farmácia, educação, saneamento, transporte e estatística. São também descritos casos emblemáticos da construção civil e que conferem ao Rio sua personalidade peculiar. Entre os exemplos desses casos, temos o Corcovado, o Maracanã, a Ponte Rio-Niterói, o prédio histórico que, por muitos anos, abrigou a sede da CEG e as construções dos pavilhões que abrigaram as exposições de 1908 e 1922.

Não creio ser adequado, no escopo de uma resenha como esta, resumir os conteúdos desses capítulos. Confesso que não sei realizar esta tarefa. Também tenho dificuldades em assumir um olhar crítico com relação ao resultado final, dado que estive envolvido no projeto desde o seu início. A bem da verdade, eu, como o Prof. Nireu Cavalcanti, integrávamos a primeira equipe que a FAPERJ organizou no final da década de 1990 para a confecção do mapa da ciência. Peço desculpas pela minha falta de capacidade de autocrítica, mas estou convencido de que aqueles que decidirem ler o livro ora resenhado não se arrependerão dessa decisão.

O tratamento de tantos temas diferentes não sofreu nenhum outro processo de padronização além do editorial. Os autores tiveram liberdade para descrever os seus assuntos da maneira que lhes fosse mais adequada. Por exemplo, não existe nenhuma perspectiva historiográfica explicitamente adotada. Ainda assim, nota-se uma certa inclinação para a chamada história social da ciência.

Sabe-se que a paisagem do Rio atual – principalmente na sua região central – guarda pouco daquela outra que existiu entre os séculos XVI e início do século XX. Lagoas foram aterradas, morros foram derrubados, matas foram devastadas e replantadas, mangues foram destruídos, águas e rios foram canalizados (quase sempre para baixo do solo), ruas foram abertas, praças e jardins foram construídos e edifícios foram levantados. Tudo isso com o emprego de muito conhecimento. Não se pode conceber que as feições do Rio de hoje foram alcançadas por meio de tentativas e erros, como que produzidas por mãos e mentes cegas e ignorantes.

O Rio é, contudo, mais do que a soma da sua paisagem (até quando bela?) com as intervenções (estas, sim, eternas?) incentivadas e promovidas pelos seus dirigentes. A nossa cidade é um centro científico-tecnológico ativo e fecundo. Afinal, quantas cidades do mundo podem contar com tantos centros de pesquisa e instituições de ensino? Exemplos: desde o final do século XIX, o Rio de Janeiro conta com dois observatórios astronômicos, hoje desativados no que diz respeito às observações do espaço celeste, mas em funcionamento quanto à formação de astrônomos. São quatro universidades federais e duas estaduais, além de um número elevado de institutos de pesquisas. Não há campo do saber que não se faça representado em terras cariocas.

A obra *Rio científico – inovação e memória* não esgota – e nem foi esta a nossa pretensão – tudo o que se pode dizer sobre o tema ciência e tecnologia em terras e águas cariocas. Poucos – diante do vasto universo de pessoas que aqui trabalharam – são os nomes mencionados ao longo de suas páginas. Poucas são as teorias e ideias do conhecimento que mereceram alguma menção. Talvez fosse o caso de, em outras obras elaboradas com este mesmo espírito, preencher essas lacunas. O Rio conta com gente competente e dedicada para abraçar essas ideias.

Uma palavra final: se é certo que o passado do Rio é inseparável da ciência e tecnologia, parece-me que, se futuro houver – ainda mais se em consonância com as potencialidades da população carioca –, ele também só poderá ser imaginado com o recurso do conhecimento.

Antonio Augusto Passos Videira
Professor associado na UERJ, CNPq